



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Carolina da Silva Viana*
(UESB)

Geisa Flores Mendes**
(UESB)

RESUMO

A pesquisa ora apresentada desenvolve algumas reflexões sobre os desafios e possibilidades do trabalho pedagógico de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas escolas públicas municipais de Itororó-BA. Suas considerações resultam da investigação sobre a forma como a Geografia escolar é concebida em diferentes ações pedagógicas nesta modalidade. O percurso metodológico adotado se caracterizou como estudo qualitativo sendo empregada a técnica de Grupos Focais. Os resultados da pesquisa apontam para as dificuldades encontradas neste segmento escolar demonstradas na falta de profissionais habilitados para trabalhar com jovens e adultos, na insuficiência de recursos didáticos, e, sobretudo, na carência de estratégias metodológicas direcionadas para este público específico na área de Geografia.

PALAVRAS -CHAVE: Educação de Jovens e Adultos, Geografia, Metodologia do Ensino.

* Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. E-mail: carolinaviana19@hotmail.com

** Doutora em Geografia e Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. E-mail: geisauesb@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

É impossível, hoje, compreender um mundo cada vez mais complexo que absorve novas conjunturas rapidamente nas esferas econômicas, sociais, políticas e culturais, sem fazer uma análise crítica do cotidiano. Assim, os objetivos e as finalidades do ensino de Geografia se fazem presentes no dia-a-dia de um processo educativo que priorize o exercício da cidadania.

Dessa forma, é grande o desafio dos profissionais da educação, tanto da Geografia quanto das demais disciplinas, diante das dificuldades encontradas na modalidade educacional em que se insere jovens e adultos.

Compreender que o aluno jovem e adulto que retorna à escola traz consigo uma gama de especificidades é necessário para que esta modalidade tenha um tratamento adequado por parte dos gestores e educadores.

Deste modo, a pesquisa em questão buscou verificar como atua o professor de Geografia no Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Itororó-BA e como este segmento se estrutura no referido município.

O percurso metodológico da pesquisa

A investigação se caracterizou, metodologicamente, como estudo qualitativo. Para a coleta de dados foi empregada a técnica de Grupos Focais. Tal opção possibilitou a criação de um espaço de debates que permitiu uma grande quantidade de informações aliadas à qualidade, o que certamente resultou em um enriquecimento na análise dos dados.

Considerando o prestígio e utilização no âmbito da pesquisa social desta técnica e, a par das suas limitações, buscou-se o entendimento de como se formam e se diferem as percepções, opiniões e atitudes acerca de um fato ou situação em



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

que se encontravam os sujeitos da pesquisa. As narrativas dos grupos focais foram gravadas com os devidos esclarecimentos e consentimentos por parte dos entrevistados e, posteriormente, foram transcritas. Alguns nomes utilizados na pesquisa foram substituídos por letras do alfabeto a fim de preservar a identidade dos participantes conforme solicitação dos mesmos.

Como a proposta foi a de desenvolver uma discussão focada em um tema específico, os grupos tiveram duração máxima de duas horas, durante as quais foram discutidos minuciosamente todos os itens programados.

Na análise dos dados utilizou-se alguns fundamentos da Análise de Discurso, pois como ressalta Orlandi (1999), diferentemente da análise do conteúdo, tal perspectiva considera que a linguagem não é transparente. Nesse aspecto, as narrativas presentes nos grupos focais, aliadas aos pressupostos da Análise do Discurso forneceram subsídios para que a apreciação fosse criteriosa e desafiadora, abarcando o que os entrevistados revelaram ou deixaram, em algum momento, silenciado.

A pesquisa foi realizada no município de Itororó-Bahia, escolhendo-se como campo de investigação as escolas públicas municipais Oscar Brasil, Carlos Santana e Naomar Soares de Alcântara, onde foram observadas turmas de 1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries referentes aos 1º e 2º ciclos da EJA. Desta forma, a pesquisa contemplou a totalidade de escolas que atuam na EJA no referido município.

A Educação de Jovens e Adultos em debate

A EJA é um momento pedagógico de representatividade social, que deveria se mostrar como situação ímpar de aprendizado pelas inter-relações heterogêneas que são estabelecidas entre todos os seus agentes, possibilitando a cada educando um espaço democrático de conhecimento, de auxílio de vivências possíveis nas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

conturbadas discriminações sociais com vistas a um projeto de exercício da cidadania.

A necessidade da busca de emprego precocemente associado a um modelo de escola excludente são marcas dos desajustes sociais comprovados nas estatísticas que mostram o sistema de ensino desigual, a miséria crescente e o processo de escolarização fracassado de alunos nas escolas públicas de todo o país.

As ideias vinculadas à Educação de Adultos no Brasil acompanham a história da educação como um todo, que por sua vez, acompanha modelos econômicos e políticos e, conseqüentemente, as relações de poder dos grupos envolvidos.

Logo, as políticas públicas educacionais que deveriam atender a um conjunto de prioridades, princípios, objetivos, normas e diretrizes ficam à mercê de relações de poder de agentes que buscam seus próprios interesses.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos é, reconhecidamente, uma das áreas de maior carência de atendimento no sistema educacional brasileiro.

Desde a década de 1930, quando a educação básica de adultos foi consolidada no sistema público elementar no país várias discussões em conferências e congressos no Brasil e no mundo em torno da temática da EJA foram implementadas.

Tais discussões apontavam para a necessidade da utilização de modelos de ensino que priorizassem diversas contextualizações, bem como renovados modelos pedagógicos que levassem em consideração as reais necessidades dos educandos estabelecendo uma diferenciação com o ensino regular.

Fatores como a falta de material didático adequado e o exercício de uma política que priorizasse a formação inicial e continuada para o professor fomentavam e ainda fomentam um debate oportuno sobre a educação formal de jovens e adultos na contemporaneidade.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Desafios da EJA no município de Itororó-BA

A Secretaria de Educação do Município de Itororó implementou as suas primeiras ações para o segmento a partir do ano de 2004, com base no levantamento sobre a taxa de analfabetismo da população entre 18 e 24 anos que, em 2000, alcançava a margem de 10,81% da população analfabeta (BAHIA, SEC de ITORORO, 2011).

No município investigado as precariedades que sofreu o segmento em nível nacional são claramente percebidas. O que pôde ser observado durante os grupos focais foi uma contundente avaliação que criticava o atendimento incerto e escasso em diversos aspectos do segmento por parte dos professores e alunos.

Nesse sentido, uma das professoras entrevistadas expõe:

A maior dificuldade da EJA é ela ser identificada efetivamente como modalidade. O que falta na EJA ? Tudo! Desde o material didático específico à questão do desinteresse do aluno e a falta de formação do professor para atuar na modalidade (Professora Marlene Rocha dos Santos, leciona nas turmas EJA III e IV).

Em relação à trajetória profissional destes docentes alguns afirmaram que o fator “experiência de atuação na modalidade” nem sempre foi o motivo enfatizado pela Secretaria de Educação do município ao convidarem para trabalhar no segmento. Tal fato pode ser constatado na narrativa a seguir:

Tem um ano que eu trabalho na EJA, quase que “caí de pára-quedas”, mas, minha dificuldade é a nossa formação para trabalhar com esta modalidade, a clientela que eu estou acostumada é a do ensino regular, logo é este tipo de material que acabo adaptando (Professora R, leciona EJA III,IV e 8ª série regular not.).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O depoimento da professora é corroborado por vários outros professores que evidenciam a dificuldade de trabalhar no segmento sem a devida formação. Tal fato os conduzem a afirmar, insistentemente, que caíram de “pára-quadras” nesta modalidade.

Durante as discussões nos grupos os alunos também falaram sobre a relação que eles têm com a escola e sua inserção na modalidade. A maioria considera a escola importante para que ascendam social e economicamente, entretanto, deixam transparecer certo desencanto sobre o cotidiano escolar, como pode ser observado no relato a seguir:

Eu não gosto muito de estudar, então me esforço e estar na EJA é uma boa oportunidade, mas o que está sendo muito ruim é a falta e a troca constante de professores, falta material e também livros. A gente estuda com livros de criança e acaba ficando desestimulado (Jailton Silva de Oliveira, 34 anos, EJA IV).

Revela-se, assim, a constatação de Di Pierro (2005) ao analisar historicamente a construção da identidade desses estudantes, que a partir dos anos 1980 passam a ser vistos como “alunos trabalhadores”, colocando em destaque as relações de conflito entre educação e trabalho. Com esta concepção, questiona-se a prática do ensino noturno e a inadequação da organização escolar para atender às expectativas e características desses estudantes.

O ensino de Geografia na modalidade

Diante das novas exigências da sociedade moderna e todos os desafios da contemporaneidade surge a necessidade de construção de uma escola que valorize seu educando. E, a Geografia se apresenta como uma disciplina capaz de trazer

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma formação crítica e investigativa ao ensino que deve ir além de memorizações e decodificações obsoletas, discutindo e interpretando as transformações socioespaciais.

Com essa postura na configuração central da discussão, é necessário entender o que ponderam os professores quando elegem os temas de suas aulas, como delimitam suas decisões, como esses conteúdos tornam-se objeto de sua atuação pedagógica e alcançam momentos significativos na aprendizagem da Geografia.

Tais questões se caracterizaram como os principais tópicos na discussão dos grupos focais e proporcionaram um debate com visões bastante diferenciadas sobre o que é a Geografia.

Nas entrevistas realizadas, as ações pedagógicas nesta área do conhecimento podem ser observada por meio dos seguintes relatos:

Essas matérias como Geografia e História, eu trabalho às vezes, quando tem uma data especial. Saber onde ficam as cidades é importante, isso é Geografia, relevo, cidadania, vegetação também (Professora K, leciona EJA I).

Países desenvolvidos e subdesenvolvidos, globalização e as questões do meio ambiente e da cidadania, é Geografia (Professora N, leciona EJA III, IV e 8ª série regular not.).

Na minha sala que é 4ª série os assuntos de Geografia são adaptados da 4ª série do ensino regular, eles produzem o mapa no dia da cidade (Professora F, leciona EJA II).

Qualquer coisa que tem a ver com os terremotos, vulcões, enchentes, tudo que está passando na televisão. Tem assuntos que eles não gostam, mas vou adaptando e com o tempo eles começam a gostar. Uso só o mapa (Professora F, leciona EJA II).

Diante de tais discursos, o que pode ser constatado é que, em muitos casos, a percepção da Geografia como uma disciplina descritiva ainda persiste e o seu



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

caráter dicotômico ainda prevalece. É importante oferecer subsídios para que haja o entendimento do espaço geográfico de uma forma que valorize o saber prévio do educando possibilitando ao professor o exercício do seu papel de mediador dos conhecimentos sistematizados.

Sobre o espaço reservado às aulas de Geografia alguns professores destacam:

Não acho viável que a gente especifique a Geografia, isso não significa que se chegue a abolir a disciplina, mas não é minha prioridade porque eles vêm para ler e escrever (Professora B, leciona EJA I).

O trabalho realizado é com eixos temáticos, como sexualidade, meio ambiente, cidadania. São duas matérias por dia, eu trabalho Geografia quando dá, pois não deixo claro que é Geografia porque não precisa, eu vou trabalhando o município e a região municipal (Professora D, leciona EJA II).

Os relatos confirmam a constatação de que o município não tem nenhum professor graduado em Geografia que leciona na EJA. Este é um aspecto preocupante, pois conforme Filho (2009) a educação geográfica precisa ser trabalhada no sentido de ressignificar o conteúdo das aulas para contribuir numa melhoria da educação pública. O autor ainda questiona que sem a formação adequada muitas vezes não há uma clareza disciplinar intelectual por parte do professor e isto também interfere nas suas ferramentas pedagógicas.

Durante os grupos focais os docentes foram questionados sobre o que eles consideravam ser objeto de estudo da Geografia e, prontamente, citaram as atualidades, os aspectos físicos e as regionalizações como sendo os pilares da ciência geográfica.

Tais objetos de estudo da Geografia, segundo os professores ouvidos, devem ser trabalhados isoladamente. Fruto de poucas análises esses objetos de estudo

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

não conseguem prover leituras geográficas capazes de levar o aluno a discutir o que está ao seu redor, pois, a abordagem fica, na maioria das vezes, fragmentada pela opção de um trabalho que não dá conta de aliar o saber prévio ao exercício de uma ciência que lida com o espaço que é social e historicamente produzido.

Tal assertiva é explicada por Kaercher (2007, p. 28), ao afirmar “[...] o que predomina hegemonicamente, na geografia escolar é uma sucessão de informações sobre os lugares da Terra. Tudo cabe como sendo Geografia [...]”. Dessa forma, a Geografia parece uma disciplina sem objeto definido e que fala de tudo, portanto, ampla, indefinida e muito abstrata.

Ao questionar os educandos se as aulas de Geografia têm lhes despertado interesse ou se tem se caracterizado como uma disciplina enfadonha constata-se que a minoria acha as aulas de Geografia atraentes. A insatisfação se expressa nesse grupo de alunos, seja em relação à metodologia aplicada durante as aulas, seja em relação aos conteúdos da disciplina, dentre outros aspectos.

Os alunos apontaram ainda sobre o que trata a disciplina Geografia, e as respostas conduzem a uma seqüência de relatos que favorecem uma gama de conclusões acerca do espaço reservado à disciplina na modalidade, como pode ser observado nas narrativas a seguir:

Falar de Geografia é fácil, é só lembrar que é a matéria que fala das matas brasileiras, dos animais da floresta e das chuvas (Terezinha Santos Damasceno, 56 anos, EJA I).

Eu tenho muita certeza do que é Geografia, é a matéria das medições terrestres. Todo mundo dizendo que é a matéria que fala dos terremotos e tsunamis, mas isso aí não tem nada a ver com Geografia (Jonathan Pereira, 16 anos, EJA IV).

A geografia é boa, eu só não sei dizer que assunto ela trabalha, essas coisas que a gente está trabalhando não dá para falar assim não (Gleidison Pires, 28 anos, EJA III).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Com estas afirmativas pode-se constatar a ideia que os alunos têm acerca da Geografia. Constatações que resultam, em muitos casos, do tratamento inadequado dado a esta disciplina que reforça uma imagem puramente descritiva. Não chega a ser novidade, mas, ainda se mostra como algo incisivo o trabalho realizado de forma estanque e desarticulada, sem correlação de seus aspectos físicos e humanos.

Deste modo, qual é o pensamento que se forma sobre o mundo e a percepção que se produz sobre a espacialidade a partir das aulas de Geografia no segmento?

Para responder a este questionamento é preciso deixar claro a importância dos conceitos e categorias geográficas e sua apreciação no dia-a-dia, mas com critérios claros. Ao explicitar aos alunos a relevância da ciência geográfica em seu cotidiano, não se pretende fazer um exercício ditatorial, pois como afirma Cassab (2009, p.49):

O objetivo da escola não é formar minigeógrafos. Daí a importância do método, da teoria e da epistemologia como preocupações permanentes. É preciso deixar clara a importância do conteúdo geográfico para o entendimento da sociedade e na própria formação do aluno evitando, com isso, que domine a visão da suposta inutilidade do ensino da Geografia.

A análise feita pelo autor autentica uma visão que vincula a Geografia à realidade do aluno conduzindo a percepções mais acuradas e alinhadas sobre esta ciência.

Sobre a relação da Geografia com o cotidiano, os relatos também evidenciam a Geografia como uma disciplina ausente de uma dimensão prática. Tal aspecto pode ser observado nas narrativas a seguir:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Eu só percebo a Geografia no meu cotidiano se a professora falar que a aula é dessa matéria. Se ela passar a aula toda sem dizer o que é eu vou ficar sem saber do mesmo jeito (Lindaure Mendes, 26 anos, EJA II).

Não dá para ver geografia em lugar nenhum, só aqui nas aulas mesmo, fechou o livro e pronto (Joseane Almeida, 19 anos, EJA IV).

Nesse aspecto, Resende (1986, p. 20) assegura que “[...] se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele [...]”. A constatação de Resende encontra respaldo nas narrativas apresentadas, especialmente quando a aluna menciona “Fechou o livro e pronto”.

Ainda a esse respeito, Callai (1999, p. 58) destaca: “[...] a Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento[...].”

Especialmente, na EJA, é imprescindível que o professor explore os conhecimentos e habilidades construídos pelos educandos nas experiências de suas vidas para, então, aproveitá-los e relacioná-los com conhecimentos científicos produzidos nos espaços escolares.

O ensino de Geografia na EJA deveria ser planejado atendendo às diferenças, aos interesses e às necessidades destes educandos, considerando o seu desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável e consciente. Partindo dessa premissa Freire (2002, p.33-34) salienta:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina? [...] Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidades? A ética de classe embutida neste descaso?

A abordagem de Freire tem grande importância, pois o que se almeja para estes sujeitos sociais são posturas que possam levar a uma atitude crítica e participativa no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda nesse aspecto, Filho (2009) alerta:

Assumimos a definição dos conteúdos geográficos no ensino como aqueles elementos que possuem ou carregam em si certa espacialidade. São os elementos interpretados e explicados a partir das principais categorias geográficas e que trazem identidade e especificidade à aula de Geografia. Tais conteúdos se explicitam como os conceitos geográficos, fenômenos, processos e fatos que caracterizam a relação dos grupos humanos com seus lugares (2009, p.6).

Os alunos da EJA dispõem de um amplo saber prévio, conhecimentos práticos de diversos aspectos da realidade social e cultural. Esse reconhecimento se torna fundamental, pois as formas de aprendizagem são diferentes do público infantil tanto pela cognição como pelo tipo de inserção e responsabilidade social.

Diante disso, Cachinho (2004, p. 10) analisa o processo de aprendizagem em Geografia:

“Gaiolas e Asas” não é uma metáfora, mas um modelo. Se queremos motivar os alunos para a aprendizagem da geografia, fazer com que estes encontrem sentido naquilo que lhe pretendemos ensinar, e por essa via mobilizar o potencial da ciência geográfica na formação de cidadãos geograficamente competentes, precisamos de nos esforçar para que as aulas criem asas e não gaiolas. Aulas de geografia que são gaiolas não favorecem a aprendizagem, antes pelo contrário.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Não se busca uma utopia no ensino da disciplina, mas é preciso que as práticas envolvam procedimentos diversificados que exijam problematização, observação, registro, análise da temporalidade, e toda a associação de elementos naturais, sociais, econômicos e culturais que compõem o espaço geográfico para, então, buscar uma formulação de hipóteses que permeiam as explicações das mudanças ou permanências observadas no contexto analisado e que as leituras espaciais possam ser apreendidas pelos jovens e adultos trabalhadores.

CONCLUSÕES

Perante as análises fundamentadas nos grupos investigados e interpretados sob o foco de vários autores que trabalham com a temática da EJA e do ensino de Geografia foi possível contatar que, além da necessária e urgente diferenciação das práticas do ensino regular, a competência teórico-metodológica e política, para atuação na modalidade, são imprescindíveis.

Assim, responder à questão “Como ensinar geografia na EJA?” não se mostra fácil nem teve como objetivo, neste estudo, direcionar receitas prontas. Tal exercício exigirá do educador uma seleção de um método de trabalho que o (re) oriente no que diz respeito ao leque de procedimentos essenciais ao saber-fazer teórico e prático da Geografia. É imprescindível que o raciocínio geográfico desencadeie modos de pensar e de atuar no espaço geográfico de uma forma consciente .

O ensino de Geografia na EJA deve ser trabalhado de uma forma que não se transforme num mero arquivamento de conteúdos, mas ao contrário, possibilite uma leitura geográfica em que devam ser consideradas as diferentes ações sociais e culturais na configuração do espaço para que o ensino, então, se envolva na



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

construção do saber, cujos agentes (professores e alunos) sigam um paradigma que os ajudem a pensar criticamente.

REFERÊNCIAS

- CACHINHO, Herculano. “Criar Asas: do Sentido da Geografia Escolar na Pós-Modernidade”. **Anais do V Congresso da Geografia Portuguesa**. Guimarães: Universidade do Minho, 2004.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia no ensino médio. **Terra Livre**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.14, p. 56-89 jan./jul. 1999.
- CASSAB, Clarice. Reflexões sobre o ensino de geografia. **Geografia: Ensino & Pesquisa**. Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 43-50. 2009.
- DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 nov. 2010.
- FILHO, Manoel. M. S. Compreensões docentes sobre os conteúdos de ensino de Geografia. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, Montevideo, 2009
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia- Saberes necessários à pratica educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- KAERCHER, Nestor. A Geografia escolar: gigantes de pés de barro comendo pastel de vento num fast food. **Terra Livre**. Presidente Prudente, v. 1 n° 28, p. 28-44, Jan-Jun. 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador: Caminhos para uma Prática de Ensino**. São Paulo: Loyola, 1986.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ITORORÓ-BA. **Plano estratégico de diagnóstico da educação de jovens e adultos**. Itororó-BA, 2011.